

## \* CAPÍTULO 3 \*

### *Fórum Social Mundial, de Porto Alegre a Mumbai*

*“A diversidade do mundo aparece no Fórum de Porto Alegre.  
Porque o Fórum é uma reunião da realidade do planeta”*

Eduardo Galeano

O quê o FSM nos ensina?

Nos capítulos anteriores, buscamos delinear os contornos da atual realidade mundial pautada pela ascendência de uma globalização hegemônica e a tensão constante com sua contra-partida contra-hegemônica. Como forte expressão da contra-hegemonia, identificamos a escalada de iniciativas de participação política de modo globalizado, tentando dar respostas à ofensiva global neoliberal hegemônica. O Fórum Social Mundial foi apontado por nós como síntese dos emergentes movimentos sociais globais e inaugurador de uma fase mais sistêmica desse processo.

Ao longo deste capítulo, buscaremos verificar, através de dados concretos<sup>1</sup> do IV FSM (Índia, 2004) e do V FSM (Brasil, 2005), como vem se dando na prática a dinâmica de construção dos movimentos sociais globais e a globalização da participação política. Como a liderança do processo Fórum Social Mundial, dividida entre horizontalistas e movimentistas, tem direcionado a construção da contra-hegemonia e tentado equacionar

---

<sup>1</sup> Metodologia de pesquisa: trabalhamos com alguns tipos de dados dos dois últimos Fóruns: anotações pessoais colhidas durante os eventos, relatos de participantes e organizadores, dados de inscrição de atividades por parte de organizações, associações e entidades. Embora correndo o risco de oferecer um panorama bastante descritivo, resolvemos expor as características de cada Fórum e ressaltar os pontos de tensão presentes no seu processo preparatório e de realização.

suas polêmicas internas sobre o formato do Fórum, participação de partidos e mundialização.

As primeiras edições do Fórum Social Mundial

Já conhecemos, conforme o capítulo anterior, como se deu a origem do Fórum Social Mundial e a controvérsia a respeito de quem partiu a idéia original. O fato é que, por três anos seguidos, 2001, 2002 e 2003, o Fórum Social Mundial foi realizado na cidade de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, Brasil. Também por isso, muitos passaram a denominá-lo de Fórum de Porto Alegre. Os quadros abaixo apontam alguns números dos três primeiros eventos:

I FSM (Porto Alegre, 25 a 30 de janeiro de 2001) 18 mil participantes 4.702 delegados organizações (sem dado) 117 países 2.000 no Acampamento de Juventude 420 atividades auto-organizadas, 16 conferências e 22 testemunhos.
--

II FSM (Porto Alegre, 31 de janeiro a 05 de fevereiro de 2002) 51 mil participantes 12.274 delegados 4.909 organizações 131 países 15.000 no Acampamento de Juventude 622 atividades auto-organizadas, 96 seminários, 27 conferências.
---

III FSM (Porto Alegre, 23 a 28 de janeiro de 2003) 100 mil participantes 20.763 delegados 5.717 organizações 156 países 25.000 no Acampamento de Juventude 1300 atividades auto-organizadas, 10 conferências, 22 testemunhos, 4 mesas de diálogo e controvérsias e 36 painéis.
---

Fonte: Conselho Internacional do Fórum Social Mundial.

Cada edição do FSM foi marcada pelas especificidades do momento e pelo crescimento numérico e organizativo do movimento. O I FSM, Porto Alegre 2001, contou com 18 mil participantes e teve a cara da novidade e da esperança de vitórias concretas sobre a

globalização neoliberal. O II FSM, Porto Alegre 2002, contou com 51 mil participantes e teve como marca central a resposta dos movimentos sociais à ofensiva conservadora estadunidense pós 11 de setembro. O III FSM, Porto Alegre 2003, contou com 100 mil participantes e teve como principal expressão a organização da luta mundial contra a instalação da Guerra no Iraque, culminando com o êxito das manifestações simultâneas de 15 de fevereiro em várias partes do mundo.

No decorrer das três primeiras edições do FSM, sua estrutura organizativa se consolidou, sendo criado um comitê organizador brasileiro - que em seguida se transformou em uma secretaria internacional (ver Anexo V) - e um conselho internacional (ver Anexo I). A carta de princípios (ver Anexo II) foi difundida como documento guia das edições mundiais, regionais e temáticas do Fórum. A tensão entre “horizontalistas” e “movimentistas” foi uma constante na condução das três edições e se aprofundaria em Mumbai, 2004 e Porto Alegre, 2005, como veremos mais adiante.

## I FSM

O formato do primeiro Fórum delineou um certo padrão para o encontro, que se repetiu nas duas edições seguintes. Tendo o primeiro e último dia reservados, respectivamente, para a abertura e o encerramento, com gigantescas marchas pelo centro da cidade, o seu intervalo foi preenchido por quatro dias de intensas atividades. A cada manhã, ocorriam as conferências promovidas pelo comitê organizador. As tardes eram reservadas às atividades “auto-gestionadas”, organizadas por entidades e associações inscritas no Fórum. Em 2001, foram mais de 420 oficinas e grupos de trabalho, que promoveram o encontro e o intercâmbio de diversas experiências locais, regionais e nacionais de

resistência às políticas neoliberais e de coordenação de esforços e de atividades para o futuro. O dia terminava com os “testemunhos” de personalidades, entre eles dirigentes políticos, militantes sociais, escritores e jornalistas. Paralelamente a toda essa programação ocorria, o Acampamento Intercontinental da Juventude com espaço e programação próprios; o Acampamento Indígena e Campesino; o Fórum de Parlamentares e Autoridades Locais; Fórum de Juízes; Planeta Fêmea; Tribunal da Dívida; Plenárias sobre a ALCA (Área de Livre Comércio das Américas) e mais uma infinidade de encontros e atividades espalhadas pela cidade.

## II FSM

O segundo FSM foi extremamente impactado pelos acontecimentos de 11 de setembro de 2001, que derrubaram as torres do World Trade Center em Nova York e parte do Pentágono em Washington, nos Estados Unidos. Emir Sader<sup>2</sup> nos diz, em um artigo, logo após os atentados:

Recuperando a iniciativa, passando de algo a vítima, os EUA buscam reimpor a polarização que mais lhes interessa: entre o capitalismo neoliberal e os Estados fundamentalistas da sua periferia, caracterizada como choque de civilizações – versão internacional e geopolítica das teorias do multiculturalismo, com a primeira substituindo a oposição capitalismo/socialismo e a segunda no lugar da luta de classes.

Com isso:

a luta por um outro mundo possível – o movimento que explodiu à superfície de Seattle, que se desenvolveu até Gênova e Durban, sempre crescendo – enfrenta seu primeiro dilema estratégico

O 11 de setembro, aconteceu quatro meses antes do II FSM e às vésperas da Assembléia Anual do FMI e BM, que seria palco de intensas mobilizações. Aconteceu também a

---

<sup>2</sup> SADER, E. *Washington ou Cabul? Porto Alegre*. In: Revista Caros Amigos, N° 55. São Paulo: Casa amarela, 2001.

dois meses da reunião da OMC, que, após a “ressaca de Seattle”, retornava às negociações da Rodada do Milênio, e teve que ser programada para acontecer em Doha, capital do Qatar - de acesso praticamente impossível para os ativistas e militantes antiglobalização - para evitar um “novo Seattle”. Como disse uma das expoentes do movimento antiglobalização, Naomi Klein: “nossas liberdades civis, nossas modestas vitórias e nossas estratégias habituais foram, agora, todas elas lançadas em dúvida. Mas a crise também abre novas possibilidades”. Saber identificar essas novas possibilidades era justamente o “dilema estratégico” do qual falava Sader.

Além do 11 de setembro, outro acontecimento, efeito da agudização da crise do neoliberalismo no mundo que influenciou o II FSM, foi o colapso político-econômico sofrido pela Argentina. Nosso vizinho ao sul se transformou no que muitos chamaram de “laboratório de Ciências Sociais e Políticas”, por apresentar, em contraposição à crise inaugurada, uma erupção de movimentos e práticas de ação direta que vinham sendo pregadas pelos ativistas antiglobalização neoliberal. Foi no curso destes acontecimentos, que se iniciou, em janeiro de 2002, o II Fórum Social Mundial. Seguindo a mesma estrutura da primeira edição, superou as expectativas negativas de fracasso de participação recebendo mais de 50 mil pessoas. Destas, cerca de 12.200 delegados de 4.909 organizações, vindos de 131 países. A segunda edição do Fórum, além das conferências por eixos, as oficinas e os testemunhos, foi palco, simultaneamente, do Fórum de Autoridades Locais, do Fórum Mundial de Parlamentares, do Fórum Mundial de Juízes, do Encontro Preparatório Rio + 10, do Acampamento Intercontinental da Juventude (15 mil participantes) e do Forumzinho Social Mundial (para crianças).

III FSM

A terceira edição do Fórum Social Mundial aconteceu em um momento de grandes transformações na América Latina e na iminência de uma guerra estadunidense contra o Iraque. Fato novo foi que vários organizadores do Fórum se transformaram em membros do governo, recém eleito de Luis Inácio Lula da Silva, no Brasil, colocando em cheque uma das tensões do movimento antiglobalização, a de que os partidos e a institucionalidade só podem “observar” os encontros, de preferência do lado de fora. Uma marcha gigantesca, com mais de 100 mil pessoas, abriu esta edição do FSM, em que as lutas contra a ALCA/OMC e pela Paz, contra a guerra no Iraque, deram o tom da unidade. Mais uma vez, o encontro se superou, reunindo cerca de 100 mil pessoas entre delegados (20.763), profissionais da imprensa (4.094), observadores, voluntários (650) e ativistas de todo o mundo. Mais de 5.700 organizações de 156 países, estiveram presentes e contribuíram na organização de cerca de 1.280 oficinas. O acampamento da juventude recebeu 25 mil jovens de cerca de 700 movimentos, coletivos e organizações. Um dos maiores resultados do encontro, que se transformou em mais um dos marcos históricos do movimento social contemporâneo, foi a organização de marchas simultâneas para o dia 15 de fevereiro de 2003, que colocou nas ruas de mais de 600 cidades em quase 100 países, no mesmo dia, milhões de pessoas protestando contra a guerra que se aproximava.

#### IV FSM - O Fórum Social Mundial de Mumbai 2004

Com a participação de mais de 100 mil pessoas, sendo 74.126 oficialmente inscritas, 60.224 indianos e 13.902 estrangeiros, representando 1653 organizações (838 indianas e 797 estrangeiras) de 117 países, ocorreu, entre 16 e 21 de janeiro de 2004, o IV Fórum

Social Mundial, na cidade de Mumbai, antiga Bombaim, na Índia. Foram ainda emitidos 40 mil crachás diários para pessoas que participavam das atividades por um só dia ou não podiam pagar a inscrição. Mais de 4 mil participaram do Acampamento da Juventude. Somando-se aos voluntários e moradores que compareceram às atividades abertas, estima-se que entre 135 mil e 150 mil tenham participado das 1200 atividades do evento (LEITE). Segundo uma pesquisadora indiana, Shivani Chaudhry, o primeiro impacto do IV FSM foi causado pela abismal diferença entre a cidade de Mumbai e Porto Alegre:

Porto Alegre era limpa, desenvolvida, refrigerada com ar condicionado. Mumbai era caótica, poeirenta, quente. Porto Alegre era rica. Mumbai era pobre. Porto Alegre era gentil. Mumbai era brutal. Porto Alegre era mais polida. Mumbai era mais rude. Ambas propiciaram intensos e excelentes eventos. Ambas são memoráveis, de maneiras diferentes.<sup>3</sup>

Segundo Santos, a cidade de Mumbai, com quase 20 milhões de habitantes, é o símbolo vivo das contradições do capitalismo do nosso tempo. A cidade concentra, ao mesmo tempo, um importante centro financeiro - o maior de toda a Índia - e uma pobreza chocante. Mais da metade da população vive em bairros de lata e cerca de dois milhões vivem literalmente na rua. Por isso mesmo, conforme relata a pesquisadora Shivani Chaudhry, os participantes do FSM eram confrontados com o cenário de pobreza a cada dia do evento, fazendo com que um sentimento de horror pairasse no ar e impossibilitasse que as oficinas e seminários tratassem o tema da pobreza de forma abstrata. A dura realidade de Mumbai fez com que o Fórum parecesse mais real, mais urgente e mais crítico (CHAUDHRY, ALBERT).

---

<sup>3</sup> No original: Porto Alegre was clean, developed, air-conditioned. Mumbai was chaotic, dusty, hot. Porto Alegre was rich. Mumbai was poor. Porto Alegre was gentler on the senses. Mumbai was more brutal. Porto Alegre was more polished. Mumbai was more raw. Both were outstanding, overwhelming events. Both were memorable, in different ways.

A mudança da sede do FSM de Porto Alegre para Mumbai foi, por isso mesmo, um verdadeiro teste de sobrevivência. O representante do movimento indiano pelo desarmamento nuclear, Achin Vanaik, considera que houve uma verdadeira ironia no processo de mudança da Porto Alegre do Orçamento Participativo, plenamente envolvida na preparação do Fórum, para uma Mumbai indiferente, a cidade que mais simboliza o impacto do neoliberalismo na Índia (PRASHAD). Vanaik relata que havia uma certa preocupação de que fosse um erro retirar o Fórum da América do Sul, considerado o continente que hoje mais bravamente resiste ao neoliberalismo, e colocá-lo na Índia, onde os governos mantêm uma trajetória neoliberal, ainda que levemente ameaçada. Mas ao final, como veremos a seguir, mesmo os mais críticos reconheceram que a mudança foi importante.

Não foi somente a desigualdade entre ricos e pobres que permeou a realização do quarto Fórum. Na Índia, a desigualdade adquire características diferentes, pois às desigualdades econômicas, sexuais e étnicas somam-se as desigualdades das castas que, mesmo já abolidas constitucionalmente, continuam sendo fator decisivo de discriminação (SANTOS, CALLINICOS). Uma das castas mais inferiores, os dalits (antigamente denominados “intocáveis”) tiveram importante participação no Fórum, somando quase 20 mil dos 100 mil participantes. Até então, a luta contra a discriminação por castas, que marginaliza cerca de 200 milhões de indianos, era um tema ignorado ou muito marginal na agenda do Fórum (LEITE, MARIN). Isto demonstra como a realidade nacional do país-sede de um encontro global tem poder de influenciar sua agenda.



Segundo Kamal Mitra Chenoy, professor de estudos internacionais da Jawaharlal Nehru Universidade de Nova Delhi e membro do comitê organizador indiano do FSM, a pluralidade do Fórum de Mumbai foi a sua maior força:

Pobres tribais, dalits (intocáveis), vendedores ambulantes, trabalhadores informais, camponeses e desabrigados de grandes desastres também estiveram presentes com força. Eles integraram mais de 1200 seminários e oficinas, enquanto marchas, demonstrações, encenações de rua, músicas e outros eventos adentravam a noite. A pluralidade deste Fórum é a sua força. Representa uma coalizão que vem ganhando força dentro de um amplo espectro global que abarca um estrato de afetados negativamente pela globalização. A visão de tal miríade reflete tanto sua natureza inclusiva como a abrangência de seu apelo para setores da população anteriormente não atraídos por ideologias radicais e anti-sistêmicas.<sup>4</sup>

Tal pluralidade, refletida no Fórum, foi fruto de um longo processo preparatório, que passou pela realização de um Fórum Social Asiático e foi impulsionado por uma esquerda significativamente mais plural e heterogênea do que a latino-americana e européia, principais envolvidas na organização dos encontros anteriores. O processo preparatório colocou lado a lado organizações de tradições políticas muito distantes, como as originárias do ghandismo, os partidos comunistas, organizações maoístas e ONGs. Talvez isso nos ajude a explicar porque o Fórum de Mumbai foi mais tolerante com relação à participação de partidos políticos (LEITE).

No entanto, não é a única resposta que encontramos, tal tolerância aos partidos não foi gratuita. Pois, segundo Wainwright:

As organizações mais desafiadas pela teoria e a prática dos fóruns sociais são os partidos políticos tradicionais de esquerda – ambos, tanto os social-democratas como os da tradição leninista.<sup>5</sup>

---

<sup>4</sup> Poor tribals, dalits [former untouchables], street vendors, daily wage workers, rural labourers and people displaced by large projects such as mega dams were also present in force. They came together in more than 1,200 seminars and workshops, while marches, rallies, street theatre, songs and other events continued well into the nights. The plurality of this Forum is its strength. It represents an ever-growing coalition of a very wide global spectrum of social strata negatively affected by globalization. Its myriad views reflect both its inclusive nature and the spread of its appeal to sectors of the population not attracted to earlier radical or anti-establishment ideologies.

<sup>5</sup> No original: The organisations most challenged by the theory and practice of social forums are the traditional political parties of the left - both from the social democratic and Leninist traditions.

A Índia, além de ser um país marcado pelo regionalismo, comunalismo e profundas diferenças lingüísticas, religiosas e culturais, que impuseram forte componente de diversidade ao Fórum, tem uma esquerda bastante enraizada. Segundo Vijay Prashad, jornalista e membro do movimento indiano pelo desarmamento nuclear, tanto os comunistas como os novos grupos sociais<sup>6</sup> têm jogado um papel muito ativo na oposição às políticas neoliberais e fundamentalistas dos partidos no poder. Portanto, o fato de partidos comunistas e os novos grupos sociais terem trabalhado em conjunto na preparação e realização do Fórum é, ao mesmo tempo, um caminho natural e algo a ser celebrado. Tal situação possibilitou que os partidos comunistas indianos pudessem expressar suas críticas a alguns pontos da carta de princípios do Fórum, como o que exclui os grupos armados e os partidos políticos de participar do FSM. Membros do CPIM, por exemplo, foram incisivos ao propor a tolerância da participação daqueles que um dia foram obrigados a pegar em armas para defender a existência de sua comunidade da aniquilação de Estados violentos, ou no questionamento sobre se a exclusão dos partidos era dirigida especificamente aos comunistas europeus, indesejados pela social democracia européia e pelos “novos grupos sociais”.

Para Wallerstein, quando o Fórum foi transferido do Brasil para a Índia, de um país no qual a maioria dos movimentos de uma forma ou de outra tem uma referência no Partido dos Trabalhadores (PT) que, por isso mesmo, não precisava participar oficialmente, para um país em que os movimentos de massa estão divididos sob a influência de uma infinidade de partidos, o comitê organizador indiano abandonou as condicionantes que dificultam a participação dos partidos. Curiosamente, segundo

---

<sup>6</sup> O autor se refere aos “novos movimentos sociais”, que se diferenciam das organizações sociais clássicas, como os sindicatos dos trabalhadores.

Callinicos, no Fórum da Índia o foco de estranhamento e preocupação se deslocou dos partidos para as ONGs. Pois, diferentemente do que ocorre hoje no Brasil, a maioria da esquerda indiana dirige fortes críticas às ONGs por considerar que estas absorvem os ativistas em “well-paid bureaucratic jobs”<sup>7</sup> e confinam os movimentos a temas limitados.

Para Leite, a relação entre movimentos sociais e partidos políticos teve um importante salto com o IV Fórum. A esquerda indiana, bastante heterogênea do ponto de vista partidário, encontrou na fórmula do Fórum uma forma de lidar positivamente com as diferenças e a concepção de “espaço aberto”. Por outro lado, tradições partidárias de todo o mundo vêm buscando uma forma de participar e se relacionar com o Fórum.

Segundo Leite:

Pela primeira vez, correntes de origem tão distintas – do trotskismo ao maoísmo, do comunista oficial ao marxismo crítico –, reuniram-se, debateram a nova situação da esquerda mundial e constituíram uma rede para dar continuidade a este diálogo.

Mudanças importantes também se deram na metodologia do FSM. O evento pareceu menos disperso, uma vez que o comitê organizador indiano e o conselho internacional foram capazes de agrupar melhor, politicamente, as atividades. O local onde se deu o evento também foi fundamental por concentrar todas as atividades, evitando a dispersão e aumentando a sensação de vitalidade do FSM. O Fórum aconteceu em um grande complexo têxtil desativado, Nesco Ground, totalmente distinto do ambiente acadêmico e refrigerado da PUC-RS que abrigou grande parte das atividades dos Fóruns precedentes.

---

<sup>7</sup> Empregos burocráticos bem-pagos.

Os organizadores indianos conseguiram manter o caráter de Fórum-espço e ao mesmo tempo organizar atividades focando temas centrais como: globalização imperialista; patriarcado, gênero e sexualidade; militarismo e paz; racismo e sistema de castas; trabalho e discriminação baseada na descendência; fanatismo religioso e violência sectária. Permeando os temas centrais, apareceram questões em torno do desenvolvimento ecologicamente sustentável; soberania alimentar, sobre a terra e a água; conhecimento, cultura e mídia; emprego e mundo do trabalho; saúde, educação e segurança social (VANAIK).

Para Wallerstein, é preciso estar atento à evolução das temáticas que ganham mais ênfase em cada encontro. Este é também um termômetro do avanço da contra-hegemonia. Se em Seattle, o alvo central era a OMC, após o encontro de Cancun (2003) ficou demonstrado que a OMC já não era o principal perigo. Tudo indica, segundo o autor, que o FSM realmente tem feito diferença, através, por exemplo, do redirecionamento das políticas do governo brasileiro e indiano frente a OMC. No Fórum de Mumbai se falou pouco sobre Davos, mas a política belicista de Bush permeou todos os debates. Isto demonstra a coerência do movimento contra-hegemônico com relação às investidas hegemônicas do momento (WALLERSTEIN, CHAUDHRY).

O aspecto cultural do programa do Fórum também foi um diferencial perante os anteriores. Em Mumbai, a dimensão cultural não foi concebida como “entretenimento” ou “espetáculo” e sim como forma de expressão eminentemente política. As atividades eram parte orgânica do Fórum e os participantes puderam entrar em contato direto com as diversas formas de expressão de inúmeros grupos sociais asiáticos, majoritariamente

indianos, que preenchiam as “ruas” da cidade social mundial, em que se transformou o complexo têxtil sede do evento.

Segundo um dos coordenadores do grupo de metodologia e temática do comitê organizador do Fórum, Amit Sen Gupta, algumas premissas balizaram o trabalho de formatação do evento. Primeiro, o formato não poderia romper com a estrutura do Fórum de Porto Alegre, garantindo a continuidade e respeitando as experiências coletivas adquiridas, ao mesmo tempo em que não poderia ser uma cópia do mesmo. Outra premissa foi tornar explícitas as várias dimensões da globalização imperialista e seu impacto sobre os povos, estimulando a realização de debates sobre como a globalização aprofunda o patriarcado, as guerras e militarizações, a exploração baseada em castas e raças, os conflitos religiosos e étnicos. Os responsáveis consideraram importante focar estas relações por entenderem que a tendência generalizada é enxergar e discutir a globalização majoritariamente em termos econômicos.

Os organizadores se preocuparam também em diminuir a prioridade das conferências e seminários organizados pelo comitê organizador - palco de estrelas antiglobalização - e focar nas oficinas e atividades auto-organizadas pelos participantes do Fórum, para que pudesse ser considerado de fato um espaço-aberto e não um espaço em que as principais atividades são definidas pelos organizadores. Com a preocupação, no entanto, de não permitir que somente organizações com condições materiais de organizar as atividades, ONGs internacionais principalmente, ocupassem tal espaço, foi criado um sistema que buscou agregar organizações menores e com menos possibilidades materiais. Deste modo, das 48 maiores atividades do Fórum, 13 foram organizadas pelo comitê organizador e 35 foram auto-organizadas, tendo como preocupação dos promotores do

processo a construção de uma certa coerência entre os eventos. O número inicial de inscrições de atividades recebidas pelos organizadores foi em torno de 2000, este número foi reduzido para 1100 e, mesmo assim, muitos temas tiveram atividades duplicadas por uma série de impedimentos para se agregarem, dentre eles, um dos centrais foi o problema da tradução.

A tradução se revelou como uma questão central na construção da contra-hegemonia através dos fóruns e especialmente do IV Fórum. É impossível chegar a consensos sem uma comunicação que promova reconhecimento e entendimento. No FSM de Mumbai, ela foi feita por uma rede de voluntários, indiana para os idiomas locais, internacional para as demais línguas: espanhol, francês, coreano, japonês, tailandês, malaio e indonésio (bahasa). Esta rede de voluntários é denominada Babels e foi formada no I Fórum Social Europeu. Seu trabalho tem se demonstrado fundamental ao possibilitar o estabelecimento da comunicação sem que os organizadores dos eventos globais se tornem reféns das grandes empresas de serviços de intérpretes.

No entanto, as dificuldades a serem vencidas ainda são enormes. Principalmente porque o equipamento técnico utilizado a partir de Mumbai nos Fóruns é também um experimento, por enquanto. Foi testado e vem sendo aprimorado, desde o IV FSM, um programa de computador baseado em software livre, o Nômade, que permite a digitalização imediata de todas as falas, do palestrante e das traduções simultâneas e realizar ao mesmo tempo a transmissão de voz, o arquivamento e classificação dos debates, a coordenação da tradução e a transmissão pela internet de arquivos de som e vídeo.

O ideal dos criadores é possibilitar que no futuro as atividades do Fórum sejam acompanhadas por pessoas de qualquer parte do mundo em sua língua (desde que adotadas na tradução simultânea), diminuindo as barreiras impostas à participação política globalizada (LEITE). Mas a questão da tradução, ainda assim, constituiu uma barreira importante para o maior êxito do FSM de Mumbai. Segundo o jornalista e membro do movimento indiano pelo desarmamento nuclear, Praful Bidwai, não houve interação suficiente entre os mais de 15 mil Dalits presentes no Fórum e os delegados estrangeiros. Os membros da comissão de metodologia também reconheceram que a tradução foi um complicador e que o sistema alternativo utilizado, bem mais barato que o convencional, não funcionou adequadamente, principalmente no primeiro dia, seja pela precária infra-estrutura do evento, ou por falta de informações dos participantes de como utilizar os equipamentos. Isso fez com que muitos participantes não pudessem integrar as atividades nas quais tinham interesse.

Outro diferencial do Fórum de Mumbai, que vale a pena destacar, é o fato de ter sido confrontado com alguns eventos paralelos intencionalmente concorrentes. O comitê organizador indiano foi hábil em tratá-los como iniciativas complementares, mas não deixaram de ser um contra-ponto. O mais significativo foi o Mumbai Resistance 2004, convocado principalmente por partidos maoístas e frentes de massas por eles influenciados. Os principais questionamentos, frente ao “Fórum oficial”, eram o fato deste ser um espaço por demais “aberto”, não tirar resoluções, não defender explicitamente o socialismo e não valorizar a luta armada como instrumento de transformação social. Na linha oposta, ocorreu o II People’s Encounter que não aceitava o fato do “Fórum oficial” estar trabalhando com organizações de massas identificadas com partidos políticos. Ambos encontros também eram críticos aos vínculos financeiros

internacionais do FSM, por considerar que agências financiadoras condicionam a agenda política (LEITE, WALLERSTEIN, VANAİK). Apesar de acontecer literalmente em frente ao “Fórum oficial”, do outro lado da avenida, o Mumbai Resistance teve uma repercussão limitada e acabou sendo identificado como o espaço da extrema esquerda (CHAUDHRY).

V FSM – O Fórum Social Mundial de Porto Alegre 2005

Nas palavras do indiano Amit Sen Gupta, um dos organizadores do FSM de Mumbai:

Porto Alegre 2005 poderia muito bem ser Mumbai 2004. Com a mesma multidão – mais de 100 mil, a mesma cacofonia de vozes contrastantes, o mesmo bater de tambores, a mesma confusão, e a mesma determinação nos rostos das pessoas que vieram celebrar o protesto e a resistência. E a mesma determinação com a qual as pessoas debateram em mais de 2000 eventos, espalhados por quatro dias, e organizados de forma aleatória em um território de tendas sobre cerca de 4 km de gramado margeando o rio.<sup>8</sup>

O V FSM ocorreu uma vez mais em Porto Alegre, entre os dias 26 e 31 janeiro de 2005.

A marcha de abertura contou com cerca de 200 mil participantes e se cadastraram oficialmente para o evento, 155 mil pessoas, 6872 organizações, de 151 países.

Ocorreram cerca de 2500 atividades, divididas em 11 eixos temáticos, como veremos adiante. Estimativas da Brigada Militar apontam que cerca de 500 mil pessoas circularam pelo Território Social Mundial, como ficou conhecido o local do evento.

Pela primeira vez, o acampamento da juventude foi incorporado ao território do Fórum e recebeu cerca de 35 mil jovens de todo o mundo.

---

<sup>8</sup> Porto Alegre 2005 could well have been Mumbai 2004. The same surging crowds – over 100,000 in number, the same cacophony of myriad voices, the same beating of drums, the same confusion, and the same determination on the faces of people who had come to celebrate protest and resistance. And the same determination with which people debated in over 2000 events, spread over four days, and organised in the sprawling venue of makeshift tents over about 4 kms of a green verge skirting the river.



Ao contrário de Mumbai, em que se teve a impressão do Fórum estar muito mais do lado de fora das salas e auditórios, em marchas, apresentações, mobilizações que preenchem o espaço do Território Social Mundial, em Porto Alegre proliferaram os encontros, exposições teóricas, reflexões, articulações dentro das centenas de tendas montadas às margens do Guaíba (SPRING).

O espaço montado para receber 150 mil pessoas (50 mil a mais do que o Fórum de 2003 em Porto Alegre) resultou em um território extremamente extenso na orla do Guaíba, completamente distinto do Centro de Convenções da PUC-RS. As construções foram feitas com biotecnologia e sob os marcos da sustentabilidade ambiental, constituindo um laboratório de práticas ecológicas de redes de ONGs participantes do Fórum que se encarregaram de montá-lo. A mudança de local se demonstrou fundamental para possibilitar a participação dos 35 mil jovens do acampamento da juventude e da população de Porto Alegre.

Segundo Sergio Ferrari, a transferência da PUC para a orla deu maior autenticidade e popularidade ao Fórum, embora não tenha surtido o efeito esperado de atingir uma parcela da população mais excluída e marginalizada:

Com a exceção dos trabalhadores sem terra, mulheres camponesas (e Via Campesina), e alguns outros setores minoritários, nem os mais marginalizados do país, nem os grupos indígenas autônomos foram predominantes no Fórum. Os “dalits” (intocáveis) e os “adivasi” (povos autônomos) hindus, que se apropriaram do evento há um ano, não encontraram homólogos neste colossal país latino-americano. Os setores médios voltaram a protagonizar a edição 2005. Ainda que a redobrada participação juvenil – mais presente do que em qualquer dos eventos anteriores – permita assegurar que o salto qualitativo de Porto Alegre 2005 foi, sobretudo, geracional.<sup>9</sup>

---

<sup>9</sup> A excepción de los trabajadores sin tierra, de las mujeres campesinas (y Vía Campesina), y algunos otros sectores minoritarios, ni los más marginados del país ni los grupos autóctonos-indígenas fueron predominantes en el Foro. Los "dalits" (sin castas) y los "adivasi" (pueblos autóctonos) hindúes, que se apropiaron del evento hace un año, no encontraron homólogos en este coloso país latinoamericano. Los sectores medios volvieron a protagonizar la edición 2005. Aunque la redoblada participación juvenil -más

A utilização do novo espaço, também obedeceu a uma nova metodologia. Aliás, todo o processo preparatório do Fórum se deu com a discussão da “nova metodologia” como o carro-chefe. O Fórum foi totalmente “autogestionado”, seguindo uma tendência que começou em Mumbai, com a retirada de responsabilidade do comitê organizador sobre o conteúdo e a composição das atividades. Primeiramente, foi realizada uma consulta prévia ao conjunto do movimento para conhecer as questões que os participantes consideravam mais importante discutir. Tais questões foram posteriormente organizadas sob 11 eixos temáticos. As únicas atividades que ocorreram fora do Território Social Mundial foram os seminários que contaram com a presença dos presidentes: Lula (primeiro dia) e Hugo Chavez (último dia), realizados no Ginásio Gigantinho de Porto Alegre.

Com a nova metodologia, o Fórum foi mais do que nunca espaço de construção de alianças, convergências e parcerias. Segundo Gilberto Maringoni:

(...) pode-se também, por mais estranho que possa parecer, dizer que esta foi a menos fragmentada de todas as suas cinco edições. É preciso atentar sobre a maneira como se dá esta partição entre as várias atividades. Horizontalmente há de fato divisões e subdivisões de temas, organizações e propostas localizadas, que se traduzem num cipoal de mais de quatro mil atividades paralelas. Mas verticalmente, este foi o grande momento das articulações entre entidades, redes, associações, ONGs e agremiações políticas de todo o mundo. Cada um veio procurar sua turma. Foi aqui que os partidos de esquerda reuniram centenas de militantes, em que facções do PT lançaram manifestos, em que redes de mulheres, jovens, camponeses, gays, lésbicas etc. etc. buscaram agendas comuns para o curto e o médio prazo. Foi o encontro dos encontros. A decisão de se acabar com os grandes eixos de conferências e testemunhos, espinha dorsal das edições anteriores do FSM, em favor de atividades auto-geridas, acabou se mostrando positiva. A presença dos partidos políticos, também limitada pelos princípios originais do Fórum, foi inevitável e acabou incrementando os debates por alternativas. Se cada um se responsabilizava por suas atividades, não há como impedir a participação de quem quer que seja.

---

presente que en cualquiera de los eventos anteriores- permite asegurar que el salto cualitativo de Porto Alegre 2005 fue, sobre todo, generacional.

De fato, foi impossível para os organizadores impedir a participação de partidos políticos. Muitos se inscreveram através de revistas e fundações que dirigem e tiveram participação bastante ativa no Fórum. Além dos partidos, dois chefes de Estado, presentes no Fórum, demonstraram a importância de não se desprezar a institucionalidade ao buscar construir a contra-hegemonia. Praticamente, Lula abriu o Fórum e Chavez o encerrou. A aclamação a Lula foi bastante mais tímida do que aquela que, recém-eleito, ele havia recebido em 2003. Em parte, pelo fato de estar indo para Davos, o que contraria grande parte dos participantes do Fórum e naturalmente pelo fato de a maioria dos participantes serem brasileiros e o governo já ter sofrido um desgaste natural no seio dos movimentos. Por outro lado, Chavez foi ovacionado e aclamado ao descrever suas batalhas contra as oligarquias locais e a Casa Branca, ao defender o poder aos pobres, a democracia, o combate ao privilégio e o ataque ao império. Chavez deixou o Fórum como um dos grandes líderes globais da atualidade.

Outro aspecto que ficou como dívida com os movimentos, desde o Fórum de Mumbai, é a questão da tradução. O fato do FSM de Porto Alegre ter sido bastante latino-americanizado e europeu, uma vez mais, não o confrontou com os limites aterradores enfrentados na Índia no que tange à tradução. Mesmo assim, muitos eventos foram obrigados a improvisar a tradução para que participantes do Iraque ou Palestina, por exemplo, pudessem se expressar em árabe, ou as vítimas do tsunami pudessem fazer seus testemunhos em indonésio ou hindi. Participaram do Fórum 533 intérpretes de 30 países. Dezesesseis idiomas foram traduzidos durante o V FSM: português, inglês, francês, espanhol, árabe, japonês, hebraico, alemão, italiano, coreano, guarani, hindi, quechua, uolof (África), bahasa (Indonésia), russo e libras (linguagem brasileira de sinais).

Se por um lado, a nova metodologia foi um êxito e gerou uma infinidade de propostas de convergências que se materializaram principalmente através de um mural de propostas, divulgado ao final do Fórum, por outro algumas limitações foram reforçadas. A principal debilidade, levantada por alguns participantes e retratada no texto de Josu Egireun, Manolo Gari e Miguel Romero<sup>10</sup>, é o fato de a nova metodologia ter desaparecido com as atividades comuns, o que na prática foram substituídas pelos encontros que tiveram a presença de Lula e Chavez. O Fórum acabou se convertendo em um espaço compartilhado por atividades que não se encontram e, muitas vezes, não buscam pontos de convergência. As convergências acabam ficando entre redes e campanhas já agrupadas por afinidade. O máximo de convergência alcançada, entre grupos não afins, foi o fato de subscreverem a declaração final da Assembléia Mundial dos Movimentos Sociais. Emir Sader, crítico deste perfil do Fórum, aponta bem a debilidade do FSM 2005 em agregar em torno da luta contra a guerra ou pautar os problemas do mundo do trabalho. Existiu uma infinidade de seminários e encontros sobre os temas, mas parecem ter saído do Fórum tão dispersos como quando chegaram. Estas questões remetem à discussão Fórum-espaço versus Fórum-movimento que trataremos mais adiante.

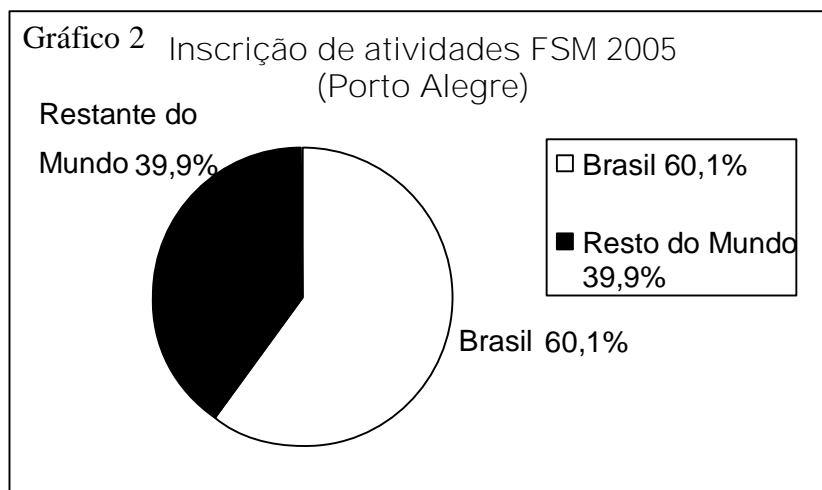
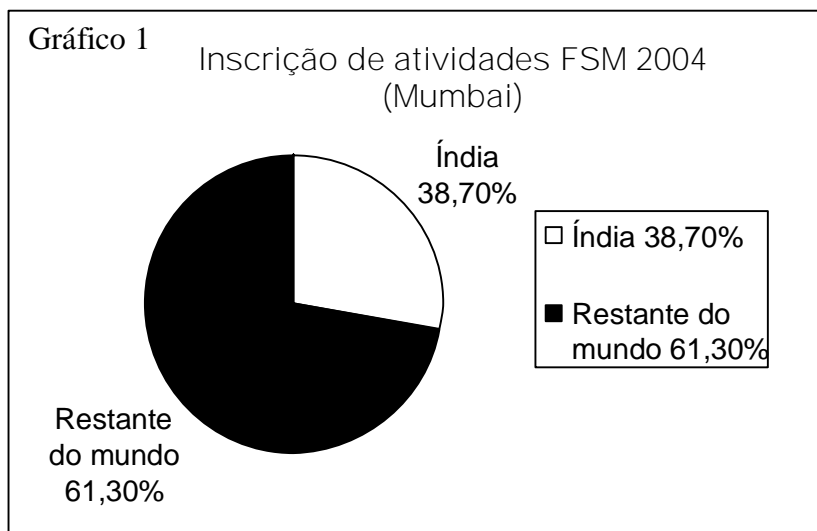
Um olhar comparativo sobre o IV e o V FSM

No Fórum de Mumbai, foram inscritas aproximadamente 2000 atividades, mas tivemos acesso aos dados das 1191 atividades aprovadas pelo comitê organizador. As inscrições foram feitas por entidades, associações e organizações de 85 países. Já no Fórum de

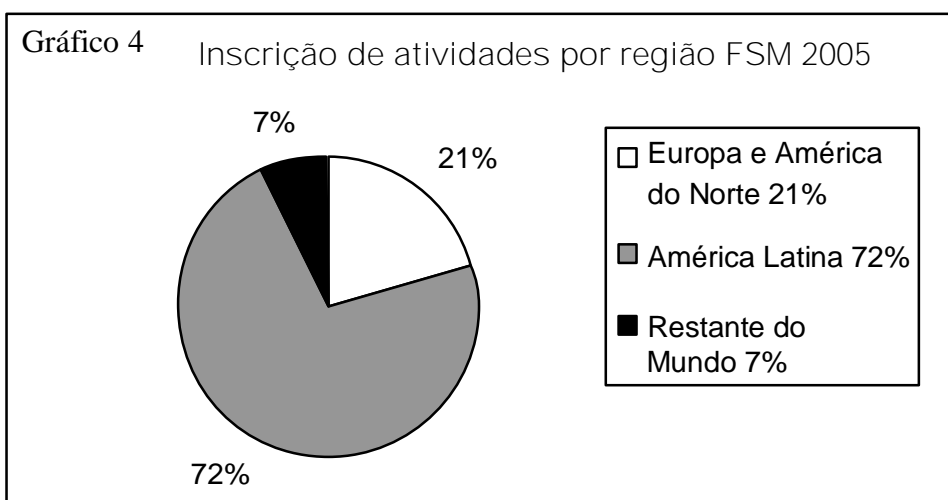
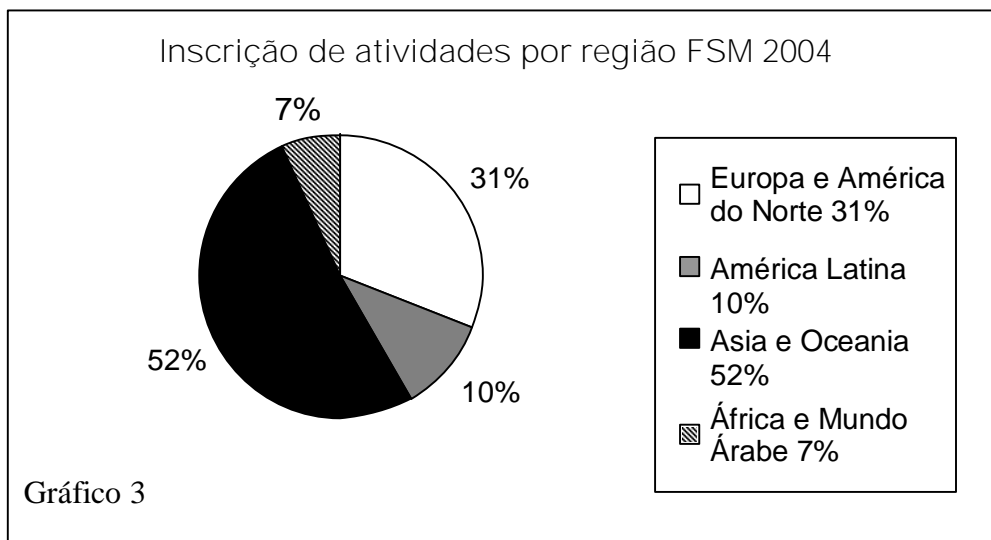
---

<sup>10</sup> EGIREUN, Josu; GARI, Manolo & ROMERO, Miguel. *FSM-2005 - Un futuro difícil*. (20.05.2005) <[http://www.forumsocialmundial.org.br/dinamic.php?pagina=bal\\_josu\\_2005\\_esp](http://www.forumsocialmundial.org.br/dinamic.php?pagina=bal_josu_2005_esp)>

Porto Alegre foram inscritas ao total 2557 atividades por entidades, associações e organizações de 80 países.



Quando analisamos os dados dos gráficos 1 e 2, percebemos que no Fórum de Mumbai, a inscrição de atividades foi bem mais equilibrada na relação país-sede e restante do mundo. Enquanto que em Porto Alegre, mais de 60% de atividades inscritas eram de organizações brasileiras, em Mumbai esta porcentagem se manteve em torno de 40% para as organizações indianas. Podemos concluir que Mumbai sediou um Fórum mais internacionalizado.



Já os gráficos 3 e 4 nos mostram o envolvimento das regiões, na iniciativa de utilizar o Fórum como um espaço de diálogo e construção de convergências. No Fórum de Mumbai, mais de 50% das atividades foram inscritas por organizações asiáticas e da Oceania, em segundo lugar surge Europa e América do Norte com 31%, América Latina vem com 10% e África e Mundo Árabe ficaram com 7%. Já no Fórum de Porto Alegre, 72% das atividades foram inscritas por organizações da América Latina, 21% pela Europa e América do Norte e apenas 7% para Ásia, África, Oceania e Mundo Árabe. Os dados mostram, mais uma vez, que o Fórum de Mumbai foi mais internacionalizado. É inquietante que, mesmo após um Fórum na Ásia, o Fórum do ano seguinte tenha tão

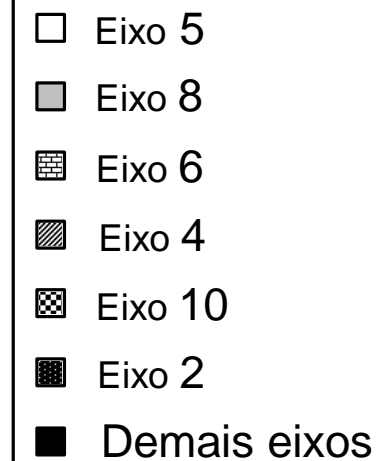
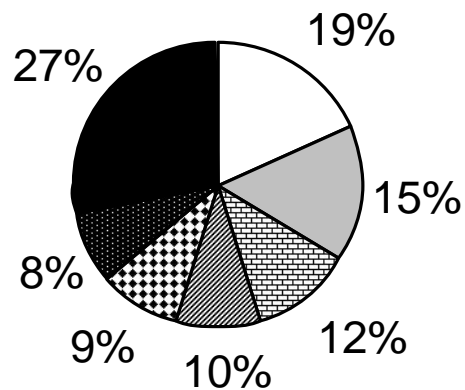
baixa participação de organizações asiáticas. A participação da África, embora um pouco melhor na Ásia, é alarmante e compromete o entendimento do Fórum como um evento realmente mundial. Destaca-se o alto nível de participação da Europa e da América do Norte, tanto no Fórum do Brasil, como no da Índia. Tabela 1

DISTRIBUIÇÃO DAS ATIVIDADES POR EIXOS <sup>11</sup>			
Eixo	Temática	Quant. 2004	Quant. 2005
1	Afirmando e defendendo os bens comuns da Terra e dos povos: Como alternativa à mercantilização e ao controle das transnacionais	152	164
2	Arte e criação: construindo as culturas de resistência dos povos	33	202
3	Comunicação: práticas contra-hegemônicas, direitos e alternativas	40	121
4	Defendendo as diversidades, pluralidades e identidades	102	251
5	Direitos humanos e dignidade para um mundo justo e igualitário	79	477
6	Economias soberanas pelos e para os povos: Contra o capitalismo neoliberal	120	295
7	Ética, cosmovisões e espiritualidades – Resistências e desafios para um novo mundo	* <sup>12</sup>	114
8	Lutas sociais e alternativas democráticas – Contra a dominação neoliberal	75	379
9	Paz e desmilitarização – Luta contra a guerra, o livre comércio e a dívida	106	181
10	Pensamento autônomo, reapropiação e socialização do conhecimento (dos saberes) e das tecnologias	44	227

<sup>11</sup> Quanto aos dados de inscrição de atividades é necessário ressaltar que por não serem originários de dois eventos idênticos dificulta o exercício de uma análise mais precisa. No fórum de Mumbai o comitê organizador recebeu cerca de 2000 propostas de atividades. Destas, 1207 foram aprovadas, sendo que 13 foram de iniciativa do próprio comitê. Para realizar uma separação temática das mesmas, tivemos que buscar agrupá-las por palavras chaves, sendo que do universo de 1207, tivemos acesso às palavras-chaves disponíveis de 921. Uma vez feito o agrupamento por palavras chaves, buscamos organizá-las nos eixos temáticos que ordenaram o programa do fórum de porto alegre, de modo a obter maiores possibilidades de comparação, mesmo conhecendo os riscos de erro oferecidos. Já o Fórum de Porto Alegre, recebeu a inscrição de 2557 e os proponentes já escolhiam o eixo temático em que gostariam que elas aparecessem. Trabalhamos com este dado bruto, obedecendo à ordem com que as organizações às apresentaram.

<sup>12</sup> As atividades relacionadas a este tema encontram se agrupadas no Eixo 4.

Gráfico 5 Inscrição por eixos temáticos – FSM 2005



Inscrição por eixos temáticos (hipotético) - FSM 2004

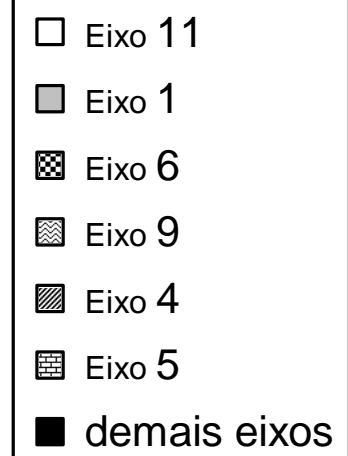
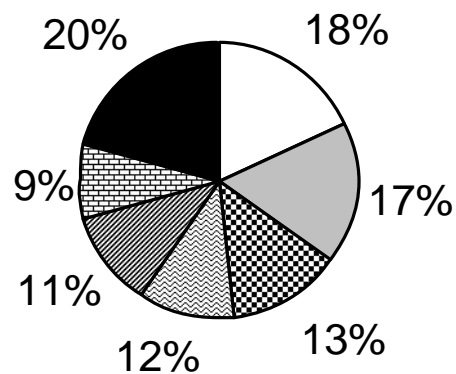


Gráfico 6

Os gráficos 5 e 6 nos mostram como se deu a distribuição das atividades por eixos temáticos<sup>13</sup>. Isso aponta para o reconhecimento dos temas de maior relevância no debate

<sup>13</sup> Para trabalhar esses dados de modo mais sistemático tivemos que estabelecer uma situação hipotética, dada a diferença no processo de inscrição nos dois fóruns. No fórum de Mumbai, as atividades não foram 100% auto-gestionadas como em Porto Alegre, portanto trabalhamos com dados de atividades que



interno das sociedades civis nacionais e do movimento social global. Os dados aqui trabalhados podem nos trair um pouco, pelas questões já expostas. Mas vale observar o que eles nos dizem. No Fórum de Mumbai há um maior equilíbrio na distribuição dos temas, provavelmente porque as atividades foram manuseadas pelo comitê organizador, que sugeriu articulações e diminuiu o número de atividades inscritas além de buscar introduzir temas ausentes. Já os dados do Fórum de Porto Alegre são mais fiéis ao desejo inicial de seus proponentes e as articulações ficaram a cargo das próprias organizações, o comitê não interferiu. No Fórum de Mumbai as temáticas que mais receberam inscrições foram: Ordem democrática internacional (11)<sup>14</sup>; Bens comuns da terra e humanidade (1); Economia soberana (6); Paz (9); Diversidade (4); Direitos Humanos (5). Já no Fórum de Porto Alegre a ordem de interesse foi: Direitos humanos (5); Lutas sociais (8); Economias soberanas (6); Diversidade (4); Pensamento autônomo (10); Arte, cultura e resistência (2).

Algumas questões chamam a atenção, o grande número de atividades relacionadas com a questão dos direitos humanos no Fórum de Porto Alegre se deve, provavelmente, pelo fato de quase 90% das organizações proponentes serem da América Latina, Europa e América do Norte, onde a questão dos direitos humanos tem ganhado mais destaque. O fato da temática de uma ordem democrática internacional ter surgido com força no Fórum de Mumbai se deve, provavelmente, também a uma alta participação da Europa e América do Norte e a forte presença de ONGs relacionadas ao tema na região asiática.

---

passaram por algum tipo de manuseio do comitê organizador, que tentou estabelecer certo equilíbrio temático e de representatividade. Já no fórum de Porto Alegre, a única coisa feita pelo Comitê Organizador foi distribuir as atividades inscritas por eixo, sem se preocupar com qualquer tipo de equilíbrio. Apresentaremos primeiro os dados do FSM 2005 e em seguida os dados do FSM 2004, encaixando, de forma hipotética, as atividades de Mumbai nos mesmos eixos do fórum de Porto Alegre, mesmo sabendo que esta não foi a realidade. O exercício nos ajuda a fazer uma comparação mais precisa, mesmo trabalhando com dados de natureza significativamente distinta.

<sup>14</sup> Número do eixo, ver tabela 1.

A temática da Paz e militarização, muito forte no Fórum de 2003, pela iminência da guerra no Iraque, vai perdendo força do IV para o V Fórum. A questão da diversidade étnica, racial e de gênero aparece com força nos dois fóruns. A temática das lutas sociais no Fórum de Porto Alegre e dos bens comuns da terra no Fórum de Mumbai aponta para os temas mais candentes em cada uma das duas regiões. Resumindo, entendemos que a participação da Europa e da América do Norte tem sido fundamental para pautar os temas da sociedade civil global e que a realidade de cada região também é imperativa na definição das temáticas que tomarão centro dos encontros globais.

Horizontalistas x movimentistas nos Fóruns de 2004 e 2005

Tanto a realização do Fórum de Mumbai, como o de Porto Alegre, foi marcada pelo acirramento da tensão entre “horizontalistas” e “movimentistas” na condução do movimento mundial antiglobalização neoliberal. Já no discurso de abertura do IV FSM, realizado pela novelista e ativista indiana Arundaty Roy, se podia notar a crítica que daria a tônica do Fórum de Mumbai:

No Fórum Social Mundial algumas das melhores mentes do mundo se encontram para trocar idéias sobre o que está ocorrendo ao nosso redor. Estas conversações refinam nossa visão sobre o tipo de mundo pelo qual estamos lutando. Este é um processo vital que não deve ser destruído. No entanto, se toda nossa energia for investida neste processo em detrimento da ação política real, então o FSM, que tem jogado tão importante papel no movimento por justiça global, corre o risco de se tornar vantajoso para nossos inimigos. O que precisamos discutir muito urgentemente são estratégias de resistência. Precisamos buscar alvos reais, lutar batalhas reais e infligir danos reais.<sup>15</sup>

---

<sup>15</sup>At the World Social Forum some of the best minds in the world come together to exchange ideas about what is happening around us. These conversations refine our vision of the kind of world we're fighting for. It is a vital process that must not be undermined. However, if all our energies are diverted into this process at the cost of real political action, then the WSF, which has played such a crucial role in the movement for global justice, runs the risk of becoming an asset to our enemies. What we need to discuss urgently is strategies of resistance. We need to aim at real targets, wage real battles and inflict real damage.

Segundo Wallerstein, pelo menos três problemas foram testados durante o encontro de Mumbai: (1) a tensão entre os que insistiam em manter a fórmula de um Fórum aberto (Fórum-espço) e os que desejavam ver o FSM se transformar em um “movimento dos movimentos”; (2) o da sua real mundialização, com o baixo nível de participação da Ásia, África e Europa Central e do Leste nas edições anteriores; (3) debates sobre o quão democrática e independente era a estrutura interna e de financiamento do FSM.

Os pontos de tensão identificados por Wallerstein são praticamente os mesmos que abordamos no capítulo anterior ao identificar os campos que disputam a hegemonia na condução do Fórum. Vejamos agora como essa disputa se deu no Fórum de Mumbai.

No Fórum de Mumbai, a idéia de Fórum-espço foi bastante discutida e aumentou a tensão entre os horizontalistas, que defendem que o Fórum seja apenas um espaço e os movimentistas que defendem dar mais sentido político ao evento. Segundo Prashad, na Índia, principalmente pela força dos partidos de esquerda na condução do Fórum, a idéia que ficou é a de que o Fórum é, sim, um espaço aberto, mas aberto para os que estão em oposição às políticas econômicas neoliberais, à globalização imperialista, ao patriarcado, à guerra, ao casteísmo, ao racismo e ao comunalismo. Um espaço estratégico que impulsiona uma agenda contra-hegemônica.

No mesmo sentido, Santos argumenta que, não se trata de aumentar a eficácia do FSM, mesmo porque, para ele, esta se mede, não só pelas ações globais, mas também pelas locais e nacionais e de preparar respostas às tentativas do Banco Mundial, FMI, Davos, de se apropriar das agendas do FSM e as descaracterizar por não ameaçar a atual estrutura econômica hegemônica. Tal concepção é reforçada por Wallerstein que

entende que se as manifestações de 15 de fevereiro de 2003 são até hoje comemoradas por tantos movimentos e ativistas, e consideradas como fruto dos encontros do Fórum, então parece haver concordância quanto ao fato do “espaço-aberto” Fórum Social Mundial estimular ações comuns. Neste sentido, no Fórum de Mumbai a Assembléia Mundial dos Movimentos Sociais aprovou o dia 20 de março de 2004 (um ano de instalação da guerra no Iraque) como dia mundial de luta contra a guerra.

A aprovação do 20 de março como dia mundial de luta e, mais ainda, a leitura da sua proposição na cerimônia de encerramento do Fórum de Mumbai causaram acentuada tensão no interior da condução do processo FSM. Segundo Whitaker, o mais ardoroso dos horizontalistas:

Nós podemos todos concordar com tal proposição, mas não necessariamente com o fato de que apareça como a única conclusão do Fórum ou, talvez, que seja tratada como a prioridade das prioridades. Obviamente, tal fato deu à Agência France Press o direito de dizer, em sua veiculação sobre o encerramento do Fórum, que a “assembléia” é “o corpo de tomada de decisões dos Fóruns Sociais Mundiais” e, portanto, “o órgão designado para tomar decisões pelo FSM, que não produz declarações finais”... (...) Tal fato impõe que os organizadores do Fórum de agora em diante dêem ainda mais explicações sobre o caráter do Fórum para os possíveis novos integrantes.

E não foi só esse o fato que trouxe desconforto para os horizontalistas, a tentativa de alguns intelectuais, como Bernard Cassen, de produzir um “Consenso de Porto Alegre” como uma contra-partida ao Consenso de Washington também trouxe bastante debate. O documento reunia cerca de uma dúzia de objetivos estratégicos a serem alcançados através da ação dos envolvidos no Fórum. De fato, tal documento foi aprovado no ano seguinte, no Fórum de Porto Alegre, como veremos mais adiante. Ao que Whitaker reagiu dizendo que:

(...) a realização desta idéia, nos levaria perigosamente para perto do “documento final” que todos dizem não desejar. O respeito à diversidade não é apenas uma condição para entrar e participar dos fóruns, mas também para sair deles, sem que nenhuma homogeneização “empobrecedora” tenha que ocorrer.

O que ninguém tem o direito de fazer é promover imposições aos outros ou querer falar em nome de todos. De fato, em Mumbai, muitos insistiram na necessidade de formular propostas concretas de ação (...) nos fóruns sempre surgem novas iniciativas e centenas de “documentos finais”. O que ainda não tivemos a competência de fazer, e isto cria ansiedades nos observadores preocupados com os resultados do processo, é torná-las mais visíveis.

As preocupações de Whitaker representam um campo muito forte na condução do processo e isso se demonstrou no Fórum de 2005. No entanto, é constante a crítica de que o Fórum é muito mais uma sucessão de eventos do que um processo permanente, e o comprometimento que isso traz para o a construção da contra-hegemonia. Neste sentido, segundo Leite, Mumbai deu passos importantes na definição de um novo formato para o evento, mas avançar qualitativamente “pressupõe também o adensamento da teia de relações de milhares de entidades e movimentos de todo o mundo – tornando o evento um momento de encontro de processos permanentes articulados na forma de vastas redes”. O Fórum de Mumbai confirmou a vitalidade da “forma-FSM” e seu método “espaço-aberto” construído nos três primeiros fóruns mundiais, nos dois europeus e no Fórum asiático. Mas há uma tensão não resolvida, que o impele a mudanças, principalmente no que concerne à articulação de ações capazes de “pesar na balança de poder mundial”. Conforme Leite:

Mumbai enriqueceu a agenda do FSM e integrou novas e importantes forças no processo. Mas também fortaleceu a vontade de que o Fórum seja uma ferramenta mais útil para multiplicar a ação política e mover a atual correlação de forças. Afinal, o Fórum não é um fim em si mesmo, mas um meio para que milhares de movimentos pelo mundo articulem e fortaleçam suas lutas. E em Mumbai, com a consolidação do Fórum na zona mais conflituosa e povoada do planeta, esta vontade ganhou um sentido de urgência. Isso se expressou em muitas discussões críticas e autocríticas entre protagonistas do processo, que apontam a necessidade de mudanças de rumo com vistas a Porto Alegre 2005.

Em conjunto com a polêmica sobre o formato do Fórum, está a questão da mundialização do processo FSM, que para além de ser polêmica entre seus organizadores, é um termômetro do desenvolvimento da contra-hegemonia. Segundo

Santos, as três primeiras edições que se realizaram em Porto Alegre tiveram escassa participação de africanos e asiáticos, o que teria levado muitos a pensar que o FSM, apesar de ser pretensamente mundial, era de fato latino-americano e europeu (SANTOS, VANAIK, CALLINICOS). Na opinião de Gustavo Marin, a tentativa de mundializar o Fórum e fazê-lo crescer para além de suas raízes brasileiras parece ter dado resultado com o Fórum de Mumbai. O desejo de expandir geograficamente a abrangência do Fórum estava por traz da decisão de levá-lo para a Índia e realmente foi um sucesso. Segundo organizadores do Fórum de Mumbai, em 2002 menos de 200 pessoas na Índia tinham ouvido falar do FSM, em 2004 centenas de organizações e mais de 100 mil indianos tiveram algum contato com o Fórum, dentre eles, pelo menos 30 mil dalits (intocáveis), adivasi (povos tribais) e muitas mulheres. Mas não foi somente a riqueza da participação da Índia que possibilitou o êxito do Fórum, foi bastante forte a presença de vários povos asiáticos: tibetanos, coreanos, nepaleses, paquistaneses e outros (WALLERSTEIN, CALLINICOS).

O diferencial do Fórum de Mumbai, no entanto, não foi somente sua expansão geográfica, mas a expansão social e temática. E este parece ser um dos grandes desafios do Fórum, como chegar entre os mais explorados e excluídos e envolvê-los no projeto contra-hegemônico e emancipatório. Já é significativo que os mais marginalizados do sistema estejam de alguma forma representados pelos delegados de mais de 100 países presentes no Fórum, muito mais do que por seus governos e representantes presentes em Davos, no Fórum Econômico Mundial (CHENOY). E um dos sinais desta representatividade é o fato, por exemplo, de Joseph Stiglitz, prêmio Nobel, ex-economista-chefe do Banco Mundial e presidente do Clintons Council of Economic Advisers, tenha ido a Mumbai para discutir um capitalismo mais humano e regulado e

tenha debatido de igual pra igual com o economista indiano Prathap Patnaik, que argumentou a impossibilidade de reformar o capitalismo, complementado por Samir Amin e Dita Sari (ativista da Indonésia).

Finalmente, um último ponto que mereceu amplo debate no Fórum de Mumbai, foi o da sua estrutura organizativa interna e as formas de financiamento que busca para efetivar seus eventos. Wallerstein sugere o questionamento sobre a real democracia do conselho internacional do Fórum que decide questões importantes, como o local do Fórum, quem fala nas sessões plenárias, quem deve ser excluído e etc. Nos seminários que ocorreram em Mumbai, com a finalidade de analisar a estrutura do FSM, a pressão resultante foi por maior abertura do processo decisório, com ampliação da participação, sem tornar o FSM uma plataforma hierárquica. Na opinião de Leite, a arquitetura do FSM deve evoluir com o processo. Com a internacionalização do Fórum, demonstrou-se que a estrutura inicial de Comitê Organizador e Conselho Internacional são insuficientes. Surgem como dificultadores o envolvimento de entidades e organizações altamente comprometidas com o Fórum de Mumbai, mas que não dispõem das condições de redes internacionais de ONGs ou grandes centrais sindicais que tem acesso a recursos para viagens internacionais. A concepção de rede também esbarra em mentalidades e posturas próprias de organizações internacionais de tipo hierárquico (LEITE). Grande complicador, também, é o fato da estrutura internacional não encontrar referências regionais e locais mais sólidas, que permitam o funcionamento efetivo de rede mundial. A estrutura organizativa interna do processo FSM revela-se, portanto como um dos grandes nós a serem desatados para a consecução de um projeto contra-hegemônico.

Quanto à polêmica sobre o financiamento, outra questão que gerou muito debate no Fórum de Mumbai, é importante notar, conforme elucidada Cockcroft ou Prashad, que a esquerda indiana tradicionalmente foi autofinanciada, embasando-se no conceito de independência. Por isso mesmo, foi tão crítica à crescente presença das ONGs, por considerarem que são uma combinação de cooptação e reformismo. As ONGs internacionais, deste modo, são vistas como parceiras da globalização hegemônica ao se juntar com o Banco Mundial e outras agências, na crítica ao Estado, por exemplo. Por isso, na esquerda indiana existe um grande preconceito quanto ao financiamento estrangeiro, tão combatido na montagem do Fórum. A Fundação Ford, por exemplo, uma das maiores financiadoras das primeiras edições do Fórum no Brasil e mantenedora, inclusive, do escritório do comitê organizador em São Paulo, é vista na Índia como a agência que desde os anos de 1950 tenta desestabilizar a influência dos comunistas em estados dirigidos pelos partidos comunistas. Segundo decisão do comitê indiano, não entraria dinheiro do Banco Mundial, DFID (British government funding agency), USAID, Fundação Ford, Fundação Rockefeller. E isso de fato aconteceu, além do Fórum ter custado bem menos do que as edições de Porto Alegre (ver Anexo VI).

Já no Fórum de Porto Alegre, a aplicação da nova metodologia e, conseqüentemente, os resultados que surtiu ocorreu no calor das disputas internas do Fórum. A velha polêmica, se o Fórum deve ser espaço ou movimento emergiu com força. Nas palavras de Whitaker:

Não há que se esperar – como muitos o desejariam - que o Fórum cumpra o papel que é próprio às organizações sociais, que mobilizam seus integrantes, definem objetivos de luta e a conduzem para que esses objetivos sejam alcançados. O Fórum em si mesmo não é um ator político que interfere diretamente na realidade.<sup>16</sup> Ele é somente um instrumento a serviço das organizações que a mudam por sua ação, para ajudá-las a cumprir o seu papel.

---

<sup>16</sup> Grifo meu.



Por outro lado, estão aqueles que defendem um Fórum mais propositivo, que trace estratégias concretas de resistência e transformação:

(...) não se pode imaginar uma resistência em largo prazo puramente ativista, sob o guarda-chuva de um lema alternativo geral: “Outro mundo é possível” (...) Mas, mais do que nunca é necessário falar de “estratégias” no plural, não somente por que se trata de um movimento pluralista por origem e definição, mas sobre tudo porque há, e haverá ainda mais, debates entre estratégias alternativas no seu interior (Josu Egireun, Manolo Garí y Miguel Romero).<sup>17</sup>

Foi justamente no calor desta polêmica que surgiu no Fórum de 2005, um documento chamado “Manifesto de Porto Alegre: Doze propostas para Outro Mundo Possível”, assinado por 19 renomados intelectuais como José Saramago, Immanuel Wallerstein, Eduardo Galeano, Boaventura de Sousa Santos e outros (ver Anexo III). Apesar das palavras de um dos formuladores do manifesto, Ignácio Ramonet, de que o documento não indicava a existência de dissidências ou diferenças, que não era um documento que falava em nome do Fórum, mas sim da opinião pessoal dos signatários, o documento causou mal estar entre os organizadores e foi difícil qualificá-lo como mais uma das quase 400 propostas do mural de propostas, simplesmente pelo peso que acabou ganhando no meio da imprensa. Resumindo as 12 propostas expostas no documento, encontramos: (1) a anulação da dívida externa dos países do sul; (2) a aplicação de taxas internacionais para transações financeiras; (3) o desmantelamento dos paraísos fiscais; (4) direito ao emprego e proteção social; (5) rechaço às regras livre-cambistas da OMC; (6) defesa da soberania alimentar; (7) fim das patentes de conhecimento e sobre seres vivos; (8) fim das discriminações e fundamentalismos; (9) fim da destruição do meio ambiente; (10) fim das bases militares estrangeiras; (11) direito à informação contra os monopólios dos meios de comunicação; (12) reforma da ONU, Banco Mundial, FMI e

---

<sup>17</sup> (...) no puede imaginarse una resistencia a largo plazo, puramente activista, bajo el paraguas de un lema-alternativa general: “Otro mundo es posible” (...) Pero más que nunca hay que hablar de “estrategias” en plural, no sólo porque se trata de un movimiento pluralista por origen y definición, sino sobre todo porque hay, y habrá más aún, debates entre estrategias alternativas en su interior.

OMC. Foram identificados como pontos débeis do documento o fato de que somente uma mulher o assina, e não há menção mais explícita à campanha contra a guerra, promotora de amplas mobilizações nos anos anteriores ao Fórum de 2005.

O indiano Amit Sen Gupta define bem o cerne da polêmica entre os que querem o Fórum apenas como espaço-aberto e os que almejam que ele se torne mais propositivo. Para ele, o maior desafio do FSM é como propiciar um espaço para os movimentos traçarem ações e estratégias em comum, ao mesmo tempo em que mantém o espaço aberto para todos que se opõe ao neoliberalismo. Neste sentido, qualquer tentativa de hegemonizar o Fórum no nível das idéias pode provocar seu colapso. O desafio, portanto, não é deixar que certas idéias dominem, mas assegurar que o Fórum realmente represente o conjunto da opinião global contra a globalização hegemônica. Para que isso ocorra, é preciso, antes, reconhecer que largas parcelas da população e várias organizações de massa ou movimentos políticos são impossibilitados de participar do Fórum por falta de recursos. Como consequência, o Fórum tende a estar dominado por ONGs com alto poder financeiro, a maioria do Norte. Há, portanto, uma grande assimetria de participação no Fórum. Segundo Gupta, em Mumbai foi realizado um esforço consciente para assegurar a representação de movimentos de massa e políticos, buscando atender esta demanda. Gupta conclui dizendo que:

(...) se o processo FSM deve ser “dirigido” de alguma forma, que seja então para garantir que os movimentos estejam aptos para participar do processo com grande número de participantes e também que representem adequadamente todas as regiões geográficas do globo. Se o Fórum torna-se realmente representativo, então chegará o momento dos movimentos usarem o espaço provido pelo Fórum para trabalhar suas visões e ações compartilhadas. Claramente, o FSM não será o elemento que levará a cabo tais ações, isto é algo que os movimentos mesmo terão que decidir.<sup>18</sup>

---

<sup>18</sup> (...) if the WSF process is to be “directed” in any manner it should be to ensure that such movements are able to come into the process in large numbers and also that they represent adequately all geographical regions of the globe. If the Forum becomes really representative, then it would really be up to the movements to use the space provided by the Forum to work out shared visions and actions. Clearly, the

Alguns críticos, apesar de se posicionarem de forma ainda mais pessimista quanto à vocação do Fórum de imprimir derrotas à globalização hegemônica, reforçam a idéia de urgência no processo de consolidação do Fórum como um espaço capaz de traçar estratégias contra-hegemônicas. Para os ativistas Josu Egireun, Manolo Garí y Miguel Romero, por exemplo, o fato das manifestações de 15 de fevereiro não ter conseguido impedir a instalação da guerra no Iraque é apenas símbolo de um fenômeno mais geral: o de que as lutas sociais do nosso tempo, que constituem em seu conjunto a base do processo do FSM, se propõem reivindicações e objetivos que não se conseguem alcançar. Por outro lado, algumas vitórias eleitorais alcançadas na América Latina, por exemplo, têm aberto possibilidades, expectativas e vitórias concretas, como a não aprovação da ALCA. Este processo, de um certo descrédito com as vitórias globais e o acirramento das lutas nacionais e regionais, se dá ao mesmo tempo em que a vitória de Bush e uma certa recomposição de alianças entre Estados Unidos e União Européia desenha um cenário de relativa estabilização do campo imperialista. Para os autores, o fato de que a capacidade de resistência regional ou local ganhe mais valoração e que a ação global perca relevância, por apresentar debilidades mais notórias, reforça a necessidade de que os fóruns sejam capazes de traçar estratégias concretas.

## Futuro do FSM

A discussão sobre a capacidade do Fórum de traçar estratégias e cumprir sua vocação contra-hegemônica nos leva a um outro debate que também foi recorrente no V FSM: qual o futuro do Fórum? Segundo Gilberto Maringoni:

---

WSF is not going to be the forum to take forward such actions, that is something that the movements themselves would have to decide.

Foi também um Fórum no divã, o primeiro em que a iniciativa pôs-se a pensar sobre si mesma, a “discutir a relação” com o período inter-fóruns e com a realidade objetiva. Quem somos, de onde viemos, para onde vamos? Não se trata de centenas de assembléias que se diluem numa vaga concepção de que “tudo é tudo”, de o que vale é o “espaço plural”, mas de uma fragmentação tensa, para voltar à palavra mais ouvida nesses dias por aqui. Fragmentação tensa por não se conformar com este estado da arte em pedaços, mas por ser uma situação em permanente movimento e em constante vir a ser.

Essa sensação de “estado da arte em pedaços” se deu mesmo com a tentativa do comitê organizador de incentivar a articulação de eventos que tratassem os mesmos temas e evitasse assim a dispersão. Este é um processo que exige ser acelerado, considera Gupta, e a metodologia do Fórum de 2005 deve ser avaliada para que possa avançar rumo ao futuro. Todos os eventos do FSM de Porto Alegre foram organizados por entidades participantes, e a reação foi que muitos sentiram falta de alguns eventos unificadores, com mensagens políticas mais amplas que difundissem a profundidade política do Fórum. A ausência destas atividades acabou sendo substituída pelos seminários que contaram com a presença de Lula e Chavez.

Como conservar a metodologia da autogestão – com todo seu conteúdo de horizontalidade e respeito à diversidade – e ao mesmo tempo organizar alguns pontos de encontro sobre temas considerados prioritários? Parece ser uma das perguntas dirigidas ao futuro do Fórum, argumentam Josu Egireun, Manolo Garí y Miguel Romero. Parece inevitável que esses pontos e temas sejam decididos por consenso em alguma instância representativa. E isso leva a uma questão já levantada nos fóruns anteriores, sobre a representatividade do Conselho Internacional do FSM e a democracia do seu funcionamento. A busca pela constituição de um conselho mais representativo e de funcionamento mais democrático parece imprescindível para assegurar a legitimidade de decisões importantes sobre as atividades comuns e para que o Fórum possa continuar como um encontro unitário contra a globalização neoliberal.

Outra questão que aprofundou o debate sobre o futuro do Fórum durante o encontro foi o fato do FSM se realizar “sob o signo da derrota do PT em Porto Alegre”. A derrota impôs uma questão recorrente: o encontro da sociedade civil global necessita do Estado o apoiando? A população de Porto Alegre, por exemplo, interpretou a decisão de saída do Fórum de Porto Alegre em 2006 (descentralizado) e 2007 (África) como consequência da derrota do PT. Mas, como tenta esclarecer Whitaker:

Na verdade a decisão de realizá-lo descentralizado em 2006 – inicialmente em Marrocos e na Venezuela, nas datas de Davos - e na África em 2007, estava sendo amadurecida já desde o Fórum de Mumbai em 2004. O objetivo é o de expandir e enraizar o processo em todo o mundo. E nada impede que em 2008 ele se realize novamente na cidade em que nasceu.

A idéia de levar o Fórum para a África realmente foi um consenso e quase um clamor de todos que se preocupam com a real mundialização do FSM. A decisão de fazê-lo descentralizado em 2006, no entanto, gerou mais controvérsias. A grande questão que ficou, e só poderá ser respondida por esses dias em que escrevemos este texto, é a seguinte: poderão esses eventos descentralizados (um por continente) convocar a atenção midiática que brinda o Fórum único e centralizado ao longo dos últimos anos? Não se estará correndo o risco de dividir energias e passar uma imagem de debilidade do processo antiglobalização?

Estas perguntas ainda estão para ser respondidas. Os membros do comitê organizador do Fórum em Mumbai deixaram o Fórum de 2005 dizendo que dois anos antes, a menção de se realizar o Fórum na Índia provocava “olhares questionadores”. Hoje, Porto Alegre e Mumbai figuram naturalmente no mapa do FSM. Assim será na África, segundo eles, como será em uma infinidade de outros lugares do mundo desde que o

Fórum decida alçar novos vôos. Quanto à relação do Fórum com Porto Alegre a conclusão de Amit Sen Gupta é um pouco nostálgica:

Conforme nos preparávamos para deixar Porto Alegre, a questão que vinha à boca de todos que vivem na cidade era: será o último Fórum em Porto Alegre? Nós não temos a resposta hoje. Mas todos que estiveram em Porto Alegre para o Fórum, neste ano ou nos anos anteriores, irão esperar que talvez o Fórum retorne um dia para a cidade que abraçou a todos nós com tanto amor e afeição. Adeus Porto Alegre pra sempre? Talvez o FSM não esteja preparado para isso ainda!<sup>19</sup>

### Conclusões iniciais

Podemos concluir, com os dados analisados sobre o Fórum Social Mundial, que está em curso a globalização da participação política atendendo a uma demanda por democratização das decisões internacionais que afetam o conjunto da humanidade e a uma necessidade histórica de organização de um campo contra-hegemônico, gerado no cerne das contradições da globalização hegemônica.

Analisando as características de cada encontro pudemos perceber que realmente foi criado um movimento, no sentido de algo que ocorre com mobilidade e sentido de perspectiva, um encontro já discutia a preparação do outro e rapidamente, movimentos tradicionalmente locais, como o Sem Terra no Brasil, passaram a tratar com familiaridade e a incorporar atividades anti-cúpula, por ocasião de reuniões da OMC ou do G8, por exemplo, como uma agenda imprescindível na construção da resistência local e mundial. A relação entre o local e o global se expressa de forma muito forte nos

---

<sup>19</sup> As we prepared to leave Porto Alegre, the question on the lips of everybody who lives in the city was: is this the last Forum in Porto Alegre? We do not know the answer today. But everyone who has been in Porto Alegre for the Forum, this year or in earlier years, will hope that maybe the Forum will come back again one day to this city which embraced us all with such love and affection. Good bye to Porto Alegre for ever? Perhaps the WSF is not ready for that yet!

fóruns, outro exemplo singular é o da importância da participação dos dalits no Fórum de Mumbai para globalizar a noção de desigualdade social aprofundada com o sistema de castas e incorporar esta temática nas campanhas pelo reconhecimento dos direitos humanos e nas lutas em curso pela promoção de justiça social. A simbiose gerada entre os movimentos de resistência locais e globais é estruturante das alianças geradas entre as sociedades civis nacionais que vão compondo blocos de contra-hegemonia.

O Fórum Social Mundial tem se demonstrado como uma espécie de reunião necessária para organizar e apontar perspectivas para um novo ator que se forma. Concluímos que este novo ator é o embrião de uma sociedade civil global. Sua formação não se dá com relação a um Estado mundial, que não existe, mas há um processo de governança global formado pelas agências multilaterais e os Estados centrais do capitalismo que lideram a globalização hegemônica. Esta sociedade civil está em constante disputa e a contra-hegemonia, que se forma no seu interior, exerce o papel de buscar reinventar os termos de uma nova sociedade, assim como dizia Gramsci as classes subalternas faziam, ao disputar com a burguesia, a influência sobre a sociedade civil. Isso aparece muito claro nos fóruns sociais que é cenário da difusão e do exercício dos valores de uma sociedade avessa às leis do mercado. Mais uma vez, afirmamos que a perspectiva gramsciana de aposta na subjetividade, na inventividade cultural e na capacidade de disputa pela hegemonia da sociedade civil, através da luta de idéias, aliada a condições materiais objetivas, dadas no interior do capitalismo, pelas “massas” ou “subalternos” parece estar se confirmando na dinâmica da globalização social.

Identificamos que esta nascente sociedade civil global está em disputa, não somente entre o bloco hegemônico e o contra-hegemônico do sistema. Mas dentro do bloco

contra-hegemônico, existem sérias diferenças de como se construir a contra-hegemonia e até mesmo quanto ao entendimento de que se está construindo uma contra-hegemonia. Afirmamos isso porque parece claro que o discurso anti-partido e o discurso anti “movimentização” do Fórum, empreendido pelos horizontalistas, leva à conclusão de que se está optando por não construir uma contra-hegemonia. Quanto às três diferenças centrais entre horizontalistas e movimentistas podemos concluir o que se segue.

A primeira e principal diferença está no entendimento de que os encontros globais, tais como o Fórum, devem apenas estimular convergências de entidades afins e incentivar o desenvolvimento de suas ações, sendo um espaço aberto, em que cada organização potencializa da maneira que melhor lhe parecer, ou se estes espaços devem ser também aproveitados para traçar objetivos comuns a serem buscados e construídos por todos, como foi o 15 de fevereiro de 2003 (mobilizações contra a guerra no Iraque). Esta contradição foi bastante explorada neste texto e não parece estar próxima do fim. Arriscamos concluir que a sua perpetuação pode comprometer o potencial contra-hegemônico do movimento social global, pois a tendência é de dispersão quando não se apontam agendas comuns. Ficou bastante evidente, na comparação entre o Fórum de 2004 e o de 2005 que a não existência de uma “mão invisível”, que seria um comitê organizador, para ordenar as atividades, as temáticas e a representação geográfica acaba deixando espaço para um desequilíbrio que enfraquece o movimento.

Este desequilíbrio pode ser percebido na questão da evolução da temática do movimento que ficou muito mais ao sabor dos ventos da globalização hegemônica e da influência da temática candente na região-sede dos eventos. Deste modo, no final da década de 90 todo o foco estava sobre as reuniões da OMC e sua pauta, o que ocasionou a Batalha de Seattle, que se transformou em marco do movimento. Logo, com os ocorridos de 11 de



setembro e a emergência da guerra no Iraque, a luta pela paz e contra a militarização tomou grandes dimensões e foi gerada a maior manifestação simultânea da história em 15 de fevereiro. Em seguida, se consolidaram os fóruns sociais e a política do espaço-aberto, que não toma decisões, isso acabou gerando uma dispersão da temática como percebido nos dados dos fóruns de mumbai e porto alegre analisados.

A segunda é a questão dos partidos, que afinal tem participado dos encontros do FSM através de revistas, fundações, redes próprias que criaram dentro dos fóruns e tem se demonstrado inevitável que países com forte tradição partidária de esquerda, como o Brasil e principalmente a Índia, revelem a impossibilidade de construir um Fórum Social Mundial sem a presença de quem está cotidianamente na luta social e tem forte influencia sobre entidades de massa e governos, sejam nacionais ou locais. Isto também se manifesta, em cada Fórum, quando as disputas nacionais pela direção do governo e pela hegemonização da sociedade civil nacional refletem diretamente nos encontros. E ainda quando os Estados se sentem pressionados a assumir as agendas do movimento antiglobalização tornando-se partícipes do movimento contra-hegemonico, por exemplo, com a liderança que Chavez e Lula tem cumprido na América Latina e seu papel na última cúpula das Américas em Mar del Plata.

A terceira questão é a da mundialização e parece também evidente pelos números que o movimento ainda não é de fato mundial. Fortes condicionantes materiais, culturais e de capacidade estratégica têm limitado a mundialização do Fórum e da globalização da participação política de uma forma geral. Está evidente, pelos dados do Fórum, que organizações da Europa e da América do Norte têm mais facilidade para participar dos encontros globais, mais disponibilidade de recursos e acesso a informações. O

isolamento da África no movimento é brutal e tem forte impacto na construção de uma contra-hegemonia realmente global.